

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 84 — Domingo, 16 de Janeiro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depósito nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENGA

UMA TRADIÇÃO QUE SE CUMPRE e novas esperanças que se formam

Por A. BOAVENTURA

É TRADICIONAL — e pontualmente tem-se realizado entre nós, pelo Ano Novo — a recepção, presidida pelo Chefe do Estado, aos representantes estrangeiros acreditados em Lisboa e aos das diversas actividades nacionais. Na mesma data, dirige o supremo magistrado da Nação a todos os portugueses a sua mensagem radiodifundida de bom porvir.

Este ano de 1955, quando, em nome do Corpo Diplomático, mensenhos Fernando Cento, Nuncio Apostólico, saudava o Presidente Craveiro Lopes, teve ensejo de afirmar:

«Numa data como esta, é natural que se lance um olhar retrospectivo sobre o passado e que se prescreva interrogativamente o futuro.

Quanto ao passado, que ano cheio de acontecimentos foi, para Portugal, 1954!

Como poderemos esquecer a viagem triunfal de V. Ex.ª às províncias africanas? Não forneceu este facto um testemunho eloquente e impressionante da completa identificação moral que existe entre elas e a Metrópole, unidas numa mesma fé nos destinos da Pátria comum?

Como esquecer ainda a visita, ela também memorável, do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros ao Brasil, obra grandiosa do génio português, a qual serviu admiravelmente para demonstrar que os dois países têm uma alma comum?

Páginas gloriosas, que permanecerão inscritas em letras de ouro nos fastos da nossa história.

Palavras de verdade, imparcialmente proferidas perante todos os representantes acreditados em Lisboa, que a elas se associam, e que constituem, sem dúvida, homenagem que fará História.

O Chefe do Estado foi ainda cumprimentado pelos membros do Governo, altas individualidades

«CARA ALEGRE»

COM o seu número de 1 de Janeiro, entrou no 3.º ano de publicação esta simpática revista de humorismo, pelo que apresentamos ao seu director, Nelson de Barros, bem como a todos os prezados camaradas que nela trabalham, os nossos cordiais cumprimentos de felicitações, com votos de longa vida, e sempre... com «cara alegre».

A CIDADE DE PORTIMÃO AQUELA MOÇA...

Por MARCOS ALGARVE

SILVES, com a sua fisionomia retintamente mourisca, tem criado dentro dos seus velhos muros uma legião de artistas dignos de observação.

Ali apareceram, em tempos idos, poetas, pintores, músicos, jornalistas e orientistas de apreciável valor.

Há meio século, talvez, que a família Freire entrou a germinar nessa cidade, melancolicamente situada à beira do rio Arade.

Germinou, cresceu e floriu dentro do vasto campo que a arte musical concede aos seus eleitos. Desde o pai até à filha mais nova, todos se entrelaçaram na arte de Albeniz e Chopin, com um fervor religioso e pagão que electrizava os pobres mortais que os ouviam.

Essa família, mais tarde, veio para Portimão e aqui, rodeada da simpatia de todos, organizou uma orquestra que os habitantes desta terra escutavam encantados.

Corina Freire, uma das mais interessantes meninas dessa família de artistas, casou e não foi feliz.

Discretamente, a família Freire dispersou. Uns componentes foram para outras terras e tomaram rumos diversos. Corina, artista da música, evolucionou para artista do canto.

Vamos então — eu falo como seu fiel admirador — encontrá-la na

civis e pelos oficiais de Terra, Mar e Ar, Câmara Municipal, União Nacional e funcionários superiores dos Ministérios.

Através da Emissora Nacional, foi radiodifundida a mensagem que o Chefe do Estado este ano fez incidir em redor do espírito de unidade que solidariza todos os portugueses.

«Essa coesão e unidade — disse

— é indispensável que se mantenha em todos os momentos da vida nacional.

Os mais ligeiros indícios de divisão são perturbadores e opostos ao ambiente de ordem, que é indispensável ao País para organizar a sua vida e levar a bom termo a sua missão.

Algumas décadas terão que pas-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O PROBLEMA PORTUÁRIO DO ALGARVE O QUE SE ESTÁ A PASSAR

NA Malfadada BARRA DE FARO-OLHÃO

PODERÁ AGRAVAR OS PREÇOS DOS FRETES DA COSTA ALGARVIA



Sossegadamente acostado ao cais comercial de Vila Real de Santo António, um grande navio recebe conservas de todo o litoral algarvio e cortiças de Faro, Silves e S. Brás de Alportel. Todos estão tranquilos: o armador e os tripulantes, porque em bom porto, ao abrigo das tranquilas águas, não corre risco o navio e as suas vidas estão protegidas. Os carregadores tranquilos estão, sem aflições e sem o receio da ruína, que pode surgir, inesperadamente, num banco de areia ou na crista de uma vaga. E o prestígio portuário do Algarve está salvaguardado pela segurança deste porto natural e deste cais, que custou, relativamente, uma insignificância à Nação.

OS dois sinistros registados com intervalo de poucos dias na malfadada barra de Faro-Olhão (afundamento de uma barca carregada de alfarroba e encalhe do pequeno cargueiro holandês «Goote», notícia transmitida ao mundo pela «Reuter») levou-nos a repensar, mais uma vez, esse magnífico trabalho do ilustre engenheiro, sr. Duarte

Abecassis, intitulado «Estudo geral económico e técnico dos portos do Algarve», publicado em 1926, e no qual, com abundante e séria argumentação, se analisam as vantagens e desvantagens de cada um dos portos e se chega honestamente a esta conclusão: são necessários dois portos comerciais no Algarve — um em Vila Real de Santo António e outro em Lagos. E aduz-se como justificação:

«Sobre as excelências naturais do porto de Vila Real de Santo António, como porto natural em si próprio e quanto à excelente via comercial de tráfego que o serve e que é o Guadiana, desne-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CALMA essa virtude rara

SEMPRE admiramos a calma, a nobre e elegante calma dos que lutam com consciência e forte razão, dos que pensam para acertar, calam-se para resistir e agem para vencer.

Calma condiz com equilíbrio nervoso e com domínio pessoal. A verdadeira calma, porém, a esplêndida calma, só a podem gozar os que se sentem com a satisfação íntima da justiça — porque o juiz da nossa consciência, quando diz que estamos com sinceridade e honestidade, dá-nos o ro-

chedo da calma por apoio, seja para vencer, seja para ser batido, mas não vencido.

Há, naturalmente, indivíduos calmos, mesmo quando defendem causas más ou praticam actos injustos ou perversos. Encontram-se estes entre os piores e mais temíveis inimigos da sociedade; acabam, entretanto, quase sempre por enfrentar, um dia, quem lhes embargue a marcha dos malefícios e crueldades. Para nossa felicidade, os indivíduos calmos são por natureza bons e dotados de forças para agir contra as tendências e paixões violentas intempestivas. Conseguem manter a calma, orientando os actos para o melhor fim, apresentando, por isso, indubitável superioridade sobre os impulsivos e irreflexos que perdem o controlo do pensamento e da acção.

Os indivíduos calmos têm o senso da oportunidade, conseguem manter o ritmo certo e medido dos esforços, avançam os passos com as proposições, devagar e seguros, enquanto os agitados se esfalfam em movimentos mais ou menos desordenados, com altos e baixos na imaginação, na palavra e na acção, gastando mais energia do que a necessária em irreflexões e dinamismos que se multiplicam, confundindo e comprometendo a eficiência do ataque ou da defesa.

Numa reunião, numa discussão,

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

DA VIDA QUE PASSA

NORTON DE MATOS UM SERVIDOR DA PÁTRIA

NA sua residência de Ponte de Lima, faleceu, no passado dia 2, com 87 anos, o general Norton de Matos, de seu nome completo José Mendes Ribeiro Norton de Matos.

Oficial do Exército, ministro, embaixador, governador e alto comissário em Angola, escritor e político, o general Norton de Matos desempenhou papel muito activo na vida portuguesa dos últimos 50 anos.

Como militar, chegou até ao generalato, tendo passado pela pasta

da Guerra durante o período em que Portugal tomou parte na primeira grande conflagração mundial, de cuja participação foi acérrimo defensor.

Como embaixador em Londres, de 1924 a 1926, defendeu a política tradicional de Aliança com a Grã-Bretanha. Depois de ter servido na Índia, a partir de 1898, foi Governador de Angola, entre 1912 e 1915, tendo aí revelado a sua grande capacidade de dirigente, porventura de visão demasiado

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

TEMAS OPORTUNOS QUIRO-ASTRÓLOGOS, VIDENTES & C.ª

Por F. MORAIS RODRIGUES

PERCORREU, há tempos, estas paragens algarvias, com abundante clientela e conseqüente êxito pecuniário, um exemplar da prolifera grei dos modernos Cagliostros. Esta fauna dedica-se, como é sabido, a desvendar os arcanos do porvir, através dos astros e das linhas da mão do próximo.

Para cumprimento da sua altruista missão esclarecedora dos

espíritos descrentes e semeadora de ilusões nas almas inquietas, lá resolvem eles, de vez em quando, arejar os seus consultórios na capital, enquanto descem às berças, escudados em fáceis títulos de doutor ou professor, e um pomposo nome de ressaibo oriental, empalmado à mitologia hindú ou egípcia, e cá chegam até nós, precedidos de girândula reclamatória, incarnados em Brâma, Siva, Osiris, Hórus, ou quejandas divindades indo-faraónicas. Como adjutorio e companhia amena, pescam — sabe Deus onde — uma loirinha apetitosa de viajar, a qual passa a agir em múltiplas e variadas funções, entre as quais as de introdutora dos consulentes e transmissora das despreocupadas conversas destes, na sala de espera. Um estojo «de trabalho» com grossa lente, compasso, transferidor, régua de cálculo e tabelas astronómicas, pour épater le bourgeois, e eis o bisnau apto a andar de terra em terra, botar anúncios, distribuir vistosos cartões, e aguardar que eles venham — os papalbos, com ou sem gravata —, movidos pela ingenuidade ignorante, pela curiosidade mórbida, e até por mero snobismo, que já chegou até ao emissor oficial e às revistas elegantes. Surge, então, a sibila a pontificar, enquanto os contribuintes, deliziados pela verborreia ilusória do mago das arábias, avolumam a carteira deste sagaz explorador dos negócios, que constituem legião.

Porque elas ocorrem sempre — as voluntárias vítimas pagantes do charlatão — e muitas, até, de automóvel...

É claro que tais «doutores» improvisados, sendo em regra de baixo nível cultural e quantas vezes manquejantes no conhecimento elementar da própria matéria astrológica, não deixam, contudo, de ser pessoas inteligentes e argutas, cuja desenvoltura e loquela fácil, alia-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Manhã

A menina que está na janela, todas as manhãs. A menina de lacinho encarnado. Esvoaçando a mão, a dizer adeus. Nem sei como se chama. Nem sabe quem eu sou. Há um sorriso que fica à janela, há um sorriso mais velho, que segue pela rua fora. Não: são dois sorrisos pela rua fora, e o sorriso da menina dentro de mim. Como uma oração. Como um apelo.

Teatro

Não há teatro, em Portugal. Sabemos. Teatro profissionalizado, entenda-se. (Haverá alguma profissão profissionalizada, em Portugal?) Existe, porém, teatro amador. A semente. E quando a semente existe, ora bem, o resto vira.

Uma revista feminina de Lisboa, o jornal «Magazine da Mulher», acaba de abrir concurso de peças de teatro. Primeiro prémio: cinco mil escudos. É uma oportunidade séria. Uma oportunidade e, ainda, séria? Oh! oh! amigo dramaturgo: não deves perdê-la.

Estatística

Enfim, são coisas muito profundas, e não está bem sejam tratadas ao de leve. Mas a notícia fez-me cismar. E quem não cismará, tendo arreigado amor à terra, à terra carne e sangue que é o Povo? Dizia-se lá que o movimento demográfico se encontra estacionário. Decrescimento de natalidade, etc., etc.

Há dias, encontrei a M. Eduarda.

— Então, Maria Eduarda? Nada de novo.

Ela embebeu os lábios num sorriso triste.

— Ainda nada. Compreende...

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

A VISITA PASTORAL DO SR. BISPO-COAJUTOR DO ALGARVE A ESTA VILA

REVESTIU-SE de muita solenidade a primeira Visita Pastoral que o sr. Bispo Coadjutor do Algarve, D. frei Francisco Rendeiro, fez a esta vila, no passado domingo.

Aguardado em frente do edifício dos Paços do Concelho por representações dos Bombeiros Voluntários, Legião Portuguesa, Mocida-

sidente do Município, que estava acompanhado pelos respectivos vereadores, autoridades civis e militares, funcionários, professorado, e muitos outros convidados, que, após a troca dos primeiros cumprimentos, acompanharam o sr. Bispo Coadjutor até à sala nobre.

Na mesa da presidência, sentaram-se o sr. dr. Alon-



Um aspecto da sessão de boas vindas nos Paços do Concelho

de, Escuteiros, diversas Associações Católicas, todas com os respectivos estandartes, e numerosa multidão, o ilustre visitante chegou a esta vila cerca das onze horas, sendo recebido, à porta da Câmara, pelo sr. dr. Alonso Vasques, ilustre pre-

so Vasques, que tinha à sua direita os srs. dr. Reinaldo Prazeres, presidente da comissão concelhia da União Nacional, e dr. António V. Horta Correia; e, à esquerda, o rev. prior Galhardo Palmeira, pároco da fregue-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em visita a sua filha e genro, seguiu para Lisboa a sr.^a D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, esposa do nosso amigo e prezado assinante, sr. dr. João Domingues Medeiros, distinto advogado e notário nesta comarca.

Encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e assinante, sr. Augusto Valente Parreira, funcionário superior da firma Emygdio Lima, em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o nosso estimado confratão e assinante, sr. dr. António José Drago, distinto médico em Almodôvar.

Regressou de Aveiro, onde se encontrava em casa de sua sobrinha, a sr.^a D. Maria das Dores Guerreiro Domingues, esposa do nosso prezado assinante, sr. Artur Bento Domingues.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção o nosso prezado amigo e assinante, sr. José António Madeira, 1.^o cabo da Guarda Fiscal.

Esteve nesta vila a sr.^a D. Maria Plácida da Silva Negrão, nossa confratã, residente em Faro.

Doentes

Encontra-se, há dias, incomodado de saúde o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Madeira Mendes Martins.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

Tem sentido sensíveis melhoras a esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Vicente Caldeira.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

NATAL DO HOSPITAL

PELA terceira vez, levou este ano a efeito a Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa a sua campanha em prol do Hospital da nossa terra.

É digna do maior louvor a iniciativa deste valioso grupo de rapazes que, não se poupando a esforços e sacrifícios, percorreu não só toda a Vila, como as povoações de Monte-Gordo e Cacela, fazendo por despertar da sua apatia alguns ainda indiferentes e juntando às dádivas mais generosas, o pequeno óbolo dos mais humildes.

Graças ao seu esforço, o resultado deste ano, embora ainda muito longe do que devia ser, foi bastante mais apreciável que nos anos anteriores, notando-se facilmente que germinou já no conceito o interesse e carinho que o nosso Hospital bem merece, pelo elevado número de pobres que dele beneficiam.

Bem hajam, pois, os rapazes da Liga dos Antigos Graduados pela sua feliz iniciativa e pela caridade com que trabalharam em favor do seu próximo.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia, profundamente reconhecida, deseja publicamente exprimir os seus agradecimentos e muita gratidão.

De igual modo, a todos quantos prestaram a sua colaboração, quer em trabalho, quer em dádivas.

A Mesa da Misericórdia

CALMA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

quando os agitados, os sófregos gritam, vociferam, ameaçam, o calmo cala-se, espera a onda impulsiva dos desatinos e dos improperios passar, para retomar a palavra; fala então baixo, para persuadir e dominar. Para viver feliz e vencer, é indispensável, pois, a calma; quem não dispõe desta virtude natural, deve conseguí-la por auto-educação, e auto-sugestão.

A calma é, ao demais, marca imprescindível de cavalheirismo. O «gentleman» nunca a perde num salão, num banquete, diante do inimigo, da injustiça, da dor, da falsidade, da torpeza ou de uma injúria. O homem calmo não perde de a razão, suporta a desgraça e coloca-se acima da injustiça, da dor, da torpeza, e da injúria—para batê-las, no momento próprio, e vencê-las.

A calma age como força dominadora por excelência contra as nossas próprias fraquezas e contra os nossos inimigos. Ninguém, que se julga com a justiça, tem o direito de dizer que não tem confiança em si, que não é capaz de ser calmo para praticar um acto bom.

Calma, pois, meus amigos. con-

A BOA GENTE DA BEIRA ALTA

PASSOU-ME pelas mãos uma carta de uma aldeia da Beira Alta, que dizia, entre outras coisas, o seguinte:

«Tem verdadeiros sentimentos de humanidade esta boa gente da Beira Alta. Hoje o dia esteve frio, mesmo muito frio. Esperava-se neve. Felizmente, aqui nesta região ainda se pôde muito em prática aquele princípio de «os que podem aos que precisam.»

«Na noite de Natal, todos têm a sua consoada. Os mais abastados mandam aos mais pobres o pão, a batata, a couve, o bacalhau, o vinho e a própria lenha para fazerem a ceia e para que o lar possa, nessa noite, proporcionar melhor aconchego.»

Não sei por que estranha analogia de ideias me veio ao pensamento essa atitude generosa e cristã das senhoras professoras da nossa terra que expediram umas circulares pedindo auxílio com o objectivo de criarem uma cantina destinada a dar uma refeição quente às meninas e aos meninos pobres que, neste Inverno, frio como todos os invernos, vão para a escola a tirar.

Sim, não sei porque me veio isso à ideia! E porque me ocorre também dar-lhes o conselho de que se dirijam aos bons cristãos da Beira Alta, a implorar conforto para os seus meninos.—B.

A VISITA PASTORAL

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

sia, e capitão Pacheco, comandante da companhia da Guarda Fiscal. À direita da mesa da presidência, num cadeirão colocado em lugar de honra, sentou-se o sr. D. frei Francisco Rendeiro.

Num discurso de elegante recorte literário, o sr. dr. Alonso Vasques apresentou os cumprimentos de boas vindas, dizendo do muito prazer que sentia em saudar, em nome do bom povo desta terra, o ilustre Prelado, na sua primeira Visita Pastoral.

O sr. D. frei Francisco Rendeiro agradeceu, salientando quanto eram particularmente gratas ao seu coração de pastor estas visitas que, completando as suas informações sobre a vida da diocese, lhe permitiam ainda exercer com maior eficácia a sua missão de assistência espiritual e conforto moral nas diversas paróquias que a constituem.

Ambos os oradores foram vibrantemente aplaudidos, tendo, seguidamente, o sr. Bispo Coadjutor passado ao gabinete do sr. presidente da Câmara, onde recebeu as homenagens de cada um dos presentes, num desfile que se prolongou até pouco depois do meio-dia.

Terminados os cumprimentos, organizou-se um cortejo, com todo o cerimonial, que se dirigiu à Igreja matriz, onde foi celebrada solene missa de pontifical, tendo S. Ex.^a Rev.^{ma} proferido, ao Evangelho, uma brilhante homilia.

O ilustre visitante deixou esta vila ao fim da tarde, integrado na procissão que acompanhou a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima até ao sítio das Cevadeiras, e no cortejo de viaturas automóveis que ali se formou e que seguiu com a imagem até à Igreja de Cacela.

Novos assinantes

Deram-nos o prazer da sua assinatura a sr.^a D. Dina Guerreiro Arroge, de Aveiro, e o sr. Joaquim dos Santos, de Tavira.

Os nossos agradecimentos,

vencei-vos da possibilidade de vencer, da certeza do triunfo, e a vitória vos pertencerá.

Se o alvo do vosso desígnio não for atingido, confortai-vos com a vitória, sempre bela, de vos terdes mantido calmos e dignos.



PROVINCIA

VILA NOVA DE CACELA

Visita de Nossa Senhora de Fátima

Chegou a esta freguesia, no passado domingo, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, encontrando-se os locais da sua passagem vistosamente engalanados.

A Imagem, que esteve uma semana nesta freguesia, visitou a Venda Nova, onde esteve exposta 2 dias, Praia da Manta Rota, Santa Rita e a Quinta de Cima (propriedade do sr. eng. Sebastião Garcia Ramirez).

Nossa Senhora foi recebida com grandes manifestações de fé, tendo-se organizado várias procissões.

Esta freguesia é hoje visitada pelo sr. Bispo, havendo diversas cerimónias na Igreja Matriz.

As 16 horas, sairá a Imagem em procissão para o sítio da Caiãna, onde será entregue à vizinha freguesia da Conceição.

Dr. Armando de Campos Palermo

Faleceu, no passado dia 6, o sr. dr. Armando de Campos Palermo, farmacêutico, de 76 anos, natural de Faro e há cerca de 22 anos residente nesta freguesia, onde exercia a sua profissão como director técnico e proprietário da farmácia Campos.

Muito novo, foi para África, onde se conservou cerca de 20 anos, tendo por diversas vezes exercido o cargo de administrador de circunscrição em vários pontos das nossas colónias.

Deixa viúva a sr.^a D. Aurelina Lúcia Moreira de Campos e era pai do importante industrial sr. Vasco de Campos Palermo, sócio da firma «Etablissement Madail» de Léopoldville—Congo Belga.

Foi, durante muitos anos, correspondente de diversos jornais diários e do semanário «Povo Algarvio», de Tavira.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte para o cemitério local, foi bastante concorrido.

A família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve», sentidas condolências.

Francisco Rodrigues Pereira

Faleceu, subitamente, no Porto o sr. Francisco Rodrigues Pereira, de 52 anos, agente comercial, que se havia deslocado àquela cidade em missão da sua vida profissional.

O finado deixa viúva a sr.^a D. Maria Lúcia Mariano Pereira, e era pai sr. José Damiano Mariano Pereira, actualmente prestando serviço militar em Coimbra, e do menino Elvino Mariano Pereira. Era sobrinho do sr. Elvino Abreu e Silva, comerciante nesta praça, e António José da Silva, proprietário em Tavira, e ainda era cunhado dos srs. Manuel Mariano Vieira, funcionário do Asilo Maria Pia de Lisboa, e Filipe Pereira Ratinho, empregado na Companhia Carris, de Lisboa.

O seu corpo chegou a esta localidade, em vagão especial, na passada 3.^a-feira, realizando-se o seu funeral, no dia seguinte, com bastante acompanhamento, para o cemitério desta freguesia.

A família enlutada, apresenta «Notícias do Algarve» sentidas pesames.—C.

Notícias do Algarve

Informamos de que estão à cobrança os recibos referentes à 9.^a série, n.º 81 a 90 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos aos nossos estimados assinantes o seu bom acolhimento.

A falta de pagamento ao cobrador ou nas estações postais, dentro do respectivo prazo, implica a devolução dos recibos e, consequentemente, um agravamento de despesas que a situação da Pequena Imprensa não suporta.

Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos,

SILVES

Trabalhos Municipais

Terminaram os trabalhos da pavimentação a batume, na Rua Elias Garcia, melhoramento que há muito era necessário. Seguidamente, deverá começar igual obra na Rua Coronel Galhardo, que é sem dúvida a artéria de maior trânsito.

Festa a favor da Misericórdia

No cinema Mariani, instalado no Largo do Poço da Câmara, realizou-se um espectáculo a favor da Misericórdia local e cujo produto líquido foi de 1.100\$00.—C.

LUZ DE TAVIRA

Desportos

Na Casa do Povo da Luz de Tavira, realiza-se hoje, dia 16, um jogo de Voleibol entre as equipas do G. D. da Casa do Povo e da Associação Académica de Vila Real, seguindo-se depois um torneio de Pingue-Pongue, entre as mesmas equipas.—C.

Agradecimento

A família do falecido João Lopes vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral de seu muito saudoso marido, pai e avô, e recendo incorrer em qualquer falta embora involuntária, manifestar a todos o seu perdurável agradecimento.

María Manuela Nunes

BONS IMPRESSOS E CARIMBOS

TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

As sopas suíças

Todas as mercearias do País e, pelos seus anúncios que lemos nos jornais estrangeiros, todas as mercearias da Europa, têm hoje à venda as famosas sopas suíças, acomodadas em envelopes vistosos e que, apetitosas e rápidas de confeccionar como são, fazem as delícias das donas de casa e o regalo do paladar dos que as saboreiam.

É invejável este povo suíço! Que saibamos, e isto pelo que temos lido e pelos artísticos cartazes do seu Turismo, tem muitas montanhas pedregosas, tem muita neve, tem extensas pastagens, tem grandes manadas de vacas e tem também muitas centrais hidroeléctricas. Não tem carvão, nem minas, e no entanto — repare na maravilha! — fornece motores de qualquer tamanho e tipo ao mundo inteiro; fabrica relógios, máquinas de costura, serras, complicadas máquinas de trabalhar madeira, aparelhagem eléctrica, aços estriados e laminados, couros artificiais, enfim, uma teoria de produtos manufacturados, que nos deixa boquiabertos, ao lembrarmos-nos das suas montanhas rochosas e das ne-

ves que as branqueiam durante meses...

E a gente põe-se a pensar no que mais fariam os suíços, se tivessem os primores das hortas e pomares algarvios, os saborosíssimos peixes do nosso mar e as terras devolutas dos nossos serros, onde se podem criar a farta milhões de aves domésticas. Em vez da sopa de galinha com aletria, uma das especialidades da Knorr — vá lá o reclamo! — teriam talvez saborosíssimas sopas de peixe e uma infinidade de outras à base de tomates, repolhos, nabos, cenouras, etc.

Ora, com a importante indústria alimentar que temos na nossa província, circunscrita apenas a preparação de peixe, não poderíamos ensaiar também o fabrico de sopas? Se os suíços, que não têm metais, fornecem máquinas a todo o mundo, porque é que nós, que temos matéria prima e da melhor, não podemos também de fornecer apetitosas sopas ao mundo? Sim, porquê?

Este arraçoado, ou melhor esta lembrança, dirigi-mo-la aos nossos industriais, aqueles com mais capacidade realizadora, que estejam dispostos a valorizar a sua indústria, a valorizar a economia do Algarve e a garantir o pão aos seus operários, principalmente na época do defeso.

Cremos que não será uma indústria tão complicada que exija a presença de sábios. Bastará mandar vir um especialista suíço, e colocá-lo em face dos nossos produtos: peixe, repolhos, couves, cenouras, nabos, rabanetes, amêndoas, figos, galinhas, ovos, farinha, milho; enfim, todo o

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 8 a 14 de Janeiro:

Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

TERCEIRENSE, Português, de 1295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

RUTA, Italiano, de 1306 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

Saídos:

MARIBEL RIVA, Espanhol, com minério, para Saint-Malô.

RUTA, Italiano, com amêndoas e conservas, para Marselha e Livorno.

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

MURTEN, Suíço, com conservas, para Génova.

TERCEIRENSE, Português, com sal, para Ponta Delgada.

HORÁRIO DE CAMIONETAS

Vila Real - Faro:

Às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 e 18,30.

Vila Real - Mértola:

Saída de Vila Real, às 8,25, chegada a Beja, às 13,40 horas.

Saída de Beja, às 15, chegada a Vila Real, às 20,25 horas.

Estas carreiras realizam-se diariamente.

Vila Real - Martinlongo: (*)

Saída de Vila Real, às 16,30, chegada a Martinlongo, às 19,45 horas.

Saída de Martinlongo às 7, chegada a Vila Real, às 10,15 horas.

Todas estas camionetas passam por Alcoutim.

a) Estas carreiras não se efectua aos domingos.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 21 de Janeiro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda—Telefone 64.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

Falecimentos

Vitória Sanches Maeso Vieira

No passado dia 10, faleceu em Lisboa a sr.^a professora D. Vitória Sanches Maeso Vieira, esposa amantíssima do nosso estimado confratão, sr. Mário da Cruz Vieira, sargento-ajudante do Regimento de Infantaria n.º 1, daquela cidade.

A extinta, que contava presentemente 40 anos de idade, era cunhada das sr.^{as} D. Anita da Cruz Vieira, Clotilde Vieira Diniz e do sr. Silvestre Baptista Diniz.

A família enlutada, desejamos sinceramente, os nossos sentidos pesames.

Também faleceu em Lisboa, em 15 do corrente, a nossa confratã, sr.^a D. Gertrudes da Conceição Antunes e Silva, de 78 anos, viúva.

O seu funeral efectuou-se, no dia seguinte, da sua residência, rua João de Barros, 8-r/c, para o cemitério da Ajuda.

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»

arsenal alimentício de que dispomos e ainda aquele que seja necessário criar, e dizer-lhe — ao especialista suíço — agora faz o que quiseres. E podem ter a certeza de que uma nova indústria terá nascido no Algarve!

Haverá por aqui quem se queira habilitar a despojar-se das inferioridades arábico-algarvias, para se revestir da serena e fria operosidade dos homens das pedregosas e geladas montanhas suíças? Como algarvio, padecendo dos mesmos males que afligem os irmãos de raça, duvidamos muito de que alguém capriche em fazer o milagre de espalhar pelo mundo as sopas suíças... fabricadas no Algarve.—J. B.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COLUMBOFILIA

A I EXPOSIÇÃO DISTRITAL DE POMBOS CORREIOS

COMO era de prever, constituiu um êxito a Exposição de pombos algarvios, levada a efeito no passado dia 9 do corrente. Não podem deixar de ser lembradas as enormes dificuldades que a Comissão Distrital teve de debrantar e vencer para poder levar a bom termo a prestimosa iniciativa. Na ampla sala do Ginásio Clube de Tavira, estiveram expostos mais de uma centena de belos exemplares da espécie dos pombos correios, já classificados em provas de vôo e que agora foram classificados na Exposição por um júri nomeado pela Federação Portuguesa de Columbofilia, presidido pelo sr. dr. Gentil Branco, de Lisboa. A atribuição dos pontos foi feita dentro das medidas mais justas e certas do «Standard» moderno, motivo por que para alguns, menos conhecedores, causou surpresa a conquista de prémios por pombos que, no antigo sistema, de forma nenhuma os poderiam obter. São, a todos os títulos, dignos de

parabens os homens que conseguiram tão bela manifestação de propaganda columbófila. Os prémios foram distribuídos pela seguinte ordem: Machos adultos: 1.º — de Júlio Fernandes, 96 pontos; 2.º — de Júlio Fernandes, 95 pontos; 3.º — de Manuel Rosa Mendes, 94 pontos. Fêmeas adultas: 1.º — de Daniel Madeira, 94 pontos; 2.º — do dr. Eduardo Mansinho, 93 pontos; 3.º — do dr. Manuel Vargas, 92 pontos. Machos do ano: 1.º — de Júlio Fernandes, 95 pontos; 2.º — de V. Oliveira, 94 pontos; 3.º — de Joaquim Larginha, 93 pontos. Fêmeas do ano: 1.º — de Victorião Barrote, 96 pontos; 2.º — do dr. Eduardo Mansinho, 95 pontos; 3.º — de João Guerreiro Madeira, 90 pontos. A Taça da Federação foi conquistada pelo sr. Júlio Fernandes, proprietário do melhor exemplar exposto.

Ouvindo Júlio Fernandes grande vencedor da I Exposição Algarvia DE POMBOS CORREIOS

NÃO quisemos perder a oportunidade de trocar algumas palavras com o vencedor da Exposição, Júlio Fernandes, figura muito conhecida e muito simpática, nos meios columbófilos da nossa província. Encontrámo-lo junto dos seus pombos, no próprio local da Exposição. Sem mais rodeios atirámos-lhe a primeira pergunta: — Então, Júlio, satisfeito? — Quem não estaria? Estou realmente muito satisfeito. — E' natural. Acha justa a classificação? — Absolutamente. O júri trabalhou bem, com competência. — Já esperava obter estas classificações? — Sim. Confesso que esperava classificar, pelo menos, 2 dos meus pombos nos primeiros lugares. Todos os anos, as irmãs e filhas destes pombos têm ficado bem classificadas nas exposições a que concorrem e isso é sempre um bom indicio. — Estes pombos, como voadores, revelam também boas qualidades. — Sem dúvida. São até grandes «vedetas» nos concursos...

— Qual é a opinião que tem sobre a exposição? — Tudo correu bem, motivo por que acho que as Exposições são de manter e até intensificar, para elevar o nível de conhecimentos do Algarve. — Em Lisboa, também espera vencer? — Vencer não digo, visto a concorrência ser muita e boa, mas espero representar bem o Algarve. — Obrigado, Júlio, pela sua amabilidade e acredite que todos os columbófilos desejam o triunfo dos pombos algarvios.

A. Roque

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL da 1.ª Divisão

Resultado do passado domingo: Silves-Boa Esperança . . . 8-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO	8	6	2	—	36-11	14
Silves	8	6	2	—	28-9	14
S. L. e Faro	8	2	3	3	11-18	7
Louletano	8	2	4	2	12-22	6
Esp Lagos	8	—	4	4	8-22	4
B. Esperança	8	—	5	3	11-25	8

Jogos para hoje:

S. L. e Faro-LUSITANO
Silves-Louletano
C. F. Esperança-Boa Esperança

Espectáculos

Cine-Foz

Apresenta, hoje, a produção estonteante, em technicolor, *Moulin Rouge*, com José Ferrer e Zsa Zsa Gabor. O filme descreve-nos a trágica história de um génio incompreendido, na renovação da sua arte incomparável, na sua bondade, no seu orgulho de homem e na sua impressionante desgraça. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Quinta-feira, 20, um programa duplo. *A paz voltou à cidade*, com Gary Cooper e Ruth Roman. As mais loucas aventuras nos esperam neste filme empolgante.

O poder da inocência, com Alexis Smith, numa obra originalíssima. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Lusitano Futebol Clube

Apresenta, amanhã, 17, organização dos Bombeiros Voluntários, um espectáculo de variedades, actuando o conjunto «Estrelas de Portugal», que tem alcançado o maior êxito onde tem actuado.

CAMPEONATO NACIONAL da II Divisão (Zona Sul)

FARENSE, 1 — JUVENTUDE, 1

Jogo em Faro, no Estádio de «S. Luis», com pouco público. Foi director da partida o sr. Joaquim Campos, de Lisboa. No primeiro tempo, Vinuesa marcou pelo Farense, havia 43 minutos de jogo. No segundo tempo, Gonçalves marcou pelo Juventude, havia 7 minutos de jogo. Minguam os motivos que possam levar a boa apreciação sobre o encontro em Faro, visto que, encontrando-se o campo enlameado, os jogadores fizeram um esforço intenso, não havendo no entanto experiência para modificarem o jogo, como fez o Juventude. Os algarvios queriam chegar ao meio campo defendido pelos eborenses com a bola razi, em passes curtos. Ora ele era sempre bem defendido pelos defesas de E'vora, e foi assim que os visitantes conseguiram levar de Faro um ponto precioso para a sua classificação. Vinuesa e Balela foram os melhores do Farense; e Ornelas, Faustos Matos e Soares, os melhores do Juventude. Joaquim Campos arbitrou com autoridade e mostrou realmente que a sua categoria, como internacional, é merecida.

ALMADA, 2 — OLHANENSE, 0

Jogo em Almada, no Campo do «Pragal» e presenciado por escassa assistência. Arbitrou o encontro o sr. Abel Macedo Pires, de Lisboa. Marcaram os golos: Espírito Santo, aos vinte e cinco minutos, e Elísio, no último minuto, ambos no segundo período.

A equipa de Olhão procurou, durante todo o tempo, o que já não era mau, jogar com habilidade, e no primeiro tempo, conseguiu criar algumas situações de perigo que deram aos mais desprevenidos a sensação de que a equipa alcançaria uma vitória na sua deslocação a Almada. Todavia, o primeiro tempo terminou com o marcador em branco. Contudo, foi a equipa local que venceu, pela maior vontade posta na luta, com antecipação e garra que não vimos no clube orientado por Santiago. Podia, é certo, a equipa de Olhão ter saído derrotada somente por uma bola, mas não queremos, com isto, tirar o mérito da vitória dos almadenses. Longe disso, pois eles foram durante o segundo tempo mais perigosos e com uma arma: o jogo pelos extremos e velocidade. Foi assim que esta arma conseguiu derrotar o jogo mais filigrinado do grupo olhanense. Dos 22 homens, há a destacar, com todo o mérito, Silva, Tavares e Toupeiro, pelo Olhanense; e Gilberto, Octaviano e Elísio, pelo Almada. A arbitragem foi correctíssima e imparcial, tendo para isso contribuído o excelente público e a lealdade dos 22 homens.

Eleições no S. C. Olhanense

Realizam-se, em Olhão, no próximo dia 20 do corrente, eleições para os novos corpos gerentes do S. C. Olhanense, para 1955. Segundo consta, a actual direcção do clube, de que fazem parte os conhecidos e importantes industriais, srs. João Carlos da Cruz, Eufémio Afonso e Manita da Cruz, pensam candidatar-se para mais um ano de trabalhos e cansaíres, em prol do clube. A confirmar-se a notícia, serão três anos consecutivos que estes olhanenses de gema servirão o clube, com amor de filhos desta terra, que no desporto já foi alguém.

Rangel não actuará hoje pelo Olhanense

O conhecido jogador Rangel, que se encontra a actuar no Olhanense, não poderá dar hoje o seu concurso, em virtude de ter sido castigado por um jogo, pela Federação.

Heroullano Valente

Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

Está triste?
A vida corre-lhe mal?
LEIA
«CARA ALEGRE»
Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

«Queremos um cinema que na sala escureça o que há de mais puro e nobre na condição humana, para que nos ensine a ser melhores.»
Pablo Neruda

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

PROGRAMA PARA OS EXIBIDORES ALGARVIOS

(Conclusão do número 79)

Da FOX-FILMES; O filme em cinemascópio *A lança quebrada*, de Dmytryk e *Os ratos do deserto*, de Robert Wise.

De DISTRIBUIDORES REUNIDOS: *Um feriado em Paris*, de Julien Duvivier; *O homem que gostava das ruínas*, de Harold French; *Audaciosos*, de Lewis Milestone; *Crina Branca*, de Albert Lamorisse. Reposições: *Lágrimas de sangue*, de Zoltan Korda; *Vertigem*, de Alf Sjöberg; *O mais feliz dos homens*, de Yves Ciampi; *A ópera dos mendigos*, com Lawrence Olivier e *A conquista do Everest*, um documentário da última expedição ao monte mais alto do mundo.

De FILMES CASTELO LOPES: *Os 3 mosqueteiros*, de André Hunebelle; *O grande pândego*, de Luis Buñuel. Reposição: *A casa à beira do rio*, de Fritz Lang.

Da ÁGUIA-FILMES: Os filmes austríacos *Mandrágora* e *Omaru, o mistério da selva*, este último, um documentário sobre a selva africana.

Da DOPER-FILME: *Bemvindo, Mr. Marshall*, de Luis Berlanga, com Lolita Sevilla.

De FILMES ALBUQUERQUE: *Para além da realidade*, de Fred Zinneman; *Adeus, Monsieur Dupont*, de Claude Autant-Lara, com Danielle Darrieux; *O amor de uma mulher*, de Jean Grémillon; *Condenados*, de Georges Lacombe, com Pierre Fresnay. Reposição: *Paris é sempre Paris*, de Luciano Emmer.

Da IMPERIAL-FILMES: *É bom gostar de alguém*, de Emilio Fernandez e *Na palma da tua mão*, de Roberto Gavaldon.

Da MOMENTO-FILMES: *Noite que não volta*, com Dany Robin e Jean Marais; *Rasputine* e *Castigo sem honra*, amos de Georges Lombret.

Da PARAMOUNT: *Sabrina*, de Billy Wilder, com Audrey Hepburn; *A Joba*, de Alberto Lattuada; *O homem, a besta e a virtude*, de Steno, com Orson Welles, Viviane Romance e Tóto. Reposições: *O inferno da terra*, de Billy Wilder e *Renúncia*, de Georges Stevens.

Da METRO: *Julio César*, de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, da época transacta.

Da SIF: *A gardénia azul*, de Fritz Lang, da época transacta.

Da RKO: *O pão nosso de cada dia*, de Santis; *Desengano*, de Fritz Lang, com Marilyn Monroe e *As aventuras de Peter Pan*, de Walt Disney, todos das épocas anteriores.

Da MUNDIAL: *Linha Branca*, de Luigi Zampa, do ano passado. Da LISBOA - FILME?

Da SPAC?

De PRODUÇÕES ANIBAL CONTREIRAS?

Da MINERVA?

Confecções Viresa, L. da
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA
em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executo em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.
F. MORAIS RODRIGUES
Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

A ILUSTRADORA LIMITADA
Rua de S Paulo 232
LISBOA
TELEF: 25764

FOTO-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRVURA
E
DESENHO

CURSO GRÁTIS SINGER

A Singer Sewing Machine Company vai realizar, nesta vila, um Curso de Bordados Artísticos e Curso de Corte, com inscrição gratuita.

Para informações, quem ram desde já dirigir-se ao Representante nesta vila: Rafael A. Fernandes, Rua Miguel Bombarda.

PARA ADUBAÇÃO DE FUNDO OU COBERTURA



NITRATO DE AMÓNIO CALCÁRIO BASF



O que é?

Um adubo azotado com 20,5% de Azoto puro, metade sob a forma **Amoniacal** e metade sob a forma **Nítrica**, e também **Cal activa** em quantidade apreciável.

Vantagens!

A composição que apresenta garante-lhe um efeito seguro sobre as plantas tanto em anos secos como de muita chuva. O seu alto conteúdo de cal activa protege a reserva de cal do solo, tão necessária à maior parte das culturas. O tipo de granulação que apresenta facilita o espalhamento e depois a sua utilização pela planta.

Culturas em que se emprega

Tanto em adubação de fundo como de cobertura. As misturas com superfosfatos e adubos potássicos devem-se fazer na ocasião da aplicação. Não se devem misturar com Fosfato Tamaz ou cal.

OUTROS ADUBOS BASF Nitrophoska BASF • Nitrato de Cal BASF • Ureia BASF

Importadores-Distribuidores exclusivos para Portugal
ORGANICA - Anilinas e Produtos Químicos, Lda.
Rua da Madalena, 97-2.º LISBOA Telefone 28208

A venda no Algarve:
PORTIMÃO
Manuel Ruivo dos Reis
Rua de S. Pedro
e nos
Grémios de Lavoura

RELÓGIOS - RELÓGIOS
Hoje, amanhã e sempre
BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL
SÓ NA ANTIGA CASA
RAMOS & MATEUS
R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

A CIDADE DE PORTIMÃO AQUELA MOÇA...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Roiz, Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa e mais duas ou três. Como acabaram todas a sua gloriosa carreira de artista? Mal, muito mal.

Quero ainda falar de três cantoras portuguesas de reputação mundial: Luísa Todi, Regina Pacini e Maria Júdice da Costa.

A primeira nasceu em Setúbal; a segunda, em Lisboa e a terceira, no Algarve. A glória foi para estas notabilíssimas artistas uma fada enganadora, uma miragem simultaneamente divina e diabólica...

Corina Freire, no «Cabaz de Morangos», que o seu talento de cantora e a sua graça de mulher algarvia esmaltavam de rutilâncias maravilhosas, foi ovacionada por milhares de homens e mulheres. As enches, no teatro onde trabalhava, contavam-se por cada espectáculo.

O que resta hoje, porém, dessa mocidade e da sua arte tão suave e sentimental? Um diluído e fanado corpo de mulher.

A arte é assim mesmo, particularmente nos domínios da ribalta e da voz que envelhece...

Mas Corina Freire, vedeta insigne do teatro ligeiro, não desapareceu definitivamente. A rádio oficial e a gronofonia particular, de quando em vez, dão-nos a sua canção querida, em que a letra e a música, formando um conjunto melodioso, nos trazem a saudade esbatida na sua voz carinhosa:

*Aquela moça que mora em frente
É uma moça indiferente...
Não sei que mistério tem:
Ninguém olha para ela
Nem ela para ninguém!...*

O resto fica por dizer, dentro duma timidez que em mim não é vulgar. É que a Arte causa-me mais enlevo que o meio social, a política e os seus derivados...

Vivo, há muitos anos, numa terra que é, sem lisonja, uma das mais belas e importantes da nossa província.

Em Monarquia, na sua esfera territorial, habitaram gentes que tenderam a elevar o burgo a um nível apreciável; em República, nos primeiros tempos, outros homens igualmente diligenciam criar um Liceu e fazer prosperar a nova cidade e a sua famosa Praia da Rocha.

Depois vieram a inércia, a incúria e um abastardamento de princípios e sentimentos, que a obrigaram a estacionar e a praticar injustiças.

Será por falta de homens cultos? Creio que não. Esta noite, em momentos de insónia, dei-me à tarefa de realizar um ligeiro inventário: três dúzias de homens diplomados — médicos, engenheiros, licenciados em Direito e em Ciências Económicas e Financeiras, além dalguns oficiais do Exército, reformados ou na reserva.

Olhem que são três dúzias que eu contei!... Pois os influentes locais e o respectivo governador civil não descobriram, entre estas três dúzias de habitantes de Portimão, um único capaz de gerir a administração local, os seus interesses, as suas regalias e o seu progresso.

O Liceu definiu; a Rocha estacionou; a immortalidade das esquinhas, como «O Século» crismou a contradição dos nomes, recrudescer; a feira e o mercado, seculares no Largo do Dique, foram transferidos para um lugar impróprio.

O historiador Rebelo da Silva, tratando da influência de Pombal, afirmou que D. José estava ao torno e Pombal ao trono. Os seus papéis inverteram-se. Como falei de Pombal, quero relatar como ele protegia os seus *compadres*. Um dia, apareceu-lhe em sua casa um compadre a pedir-lhe um conselho.

O homem era torneiro e estava a contas com uma crise aguda. As torneiras de metal eram as preferidas e as de madeira já pouco se vendiam.

Pombal escutou os lamentos do fabricante de torneiras de madeira. A seguir aconselhou-o:

— Compadre, continue a fabricar as suas torneiras. Não tenha medo!

O compadre saiu e foi pensando no segredo do ministro. No entanto, intensificou o fabrico das suas torneiras.

Um mês depois da entrevista, Pombal fez sair um decreto proibindo o uso das torneiras de metal, por terem causado intoxicação a imensos indivíduos. O torneiro rejubilou e enriqueceu.

É desta forma, com decretos, portarias ou editais, que os Pombais protegem os seus *compadres*...

Cumpram-nos também esclarecer que os filhos e habitantes de Portimão são pessoas normais, bairristas e orgulhosos da sua linda cidade.

Só temos de acusá-los deste

O PROBLEMA PORTUÁRIO DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Adoptando a solução que preconizamos do estabelecimento de dois portos comerciais na província, um em Vila Real e outro em Lagos, a zona de influência do porto de Vila Real, no Algarve, estender-se-ia, ressalvada a impossibilidade de uma concentração completa, a que já nos referimos, até ao concelho de Loulé. Além disto, a via fluvial assegura-lhe o movimento dos concelhos de Alcoutim e Mértola.»

Mais adiante e para reforçar o seu ponto de vista, o ilustre técnico acrescenta:

«Incontestável como é a razão de ser e a alta conveniência do estabelecimento em Vila Real de Santo António de um dos portos de comércio do Algarve, um bom critério de distribuição não pode deixar de considerar como mais recomendável situação para o segundo o porto de Lagos.»

Não satisfeito ainda com a sua irretável argumentação, o sr. eng. Duarte Abecassis afirma, por fim:

«Para a escolha dos portos comerciais, que julgamos não deverem ser mais de dois, um a barlavento e outro a sotavento, é necessário ter em vista, não só as mais vantajosas situações naturais, por forma a não ter que se considerar a construção de obras de protecção excessivamente custosas, nem trabalhos de conservação de profundidades no acesso, excessivamente dispendiosos, como também a melhor adaptação às necessidades económicas das regiões a servir. Para este fim se devem procurar as mínimas distâncias às regiões mineiras ou cerealíferas, cujos produtos são os que menos podem suportar os encargos de transportes e, ao mesmo tempo, realizar a melhor distribuição em relação às produções gerais, agrícolas e industriais da província.»

Efectivamente, tem razão o sr. eng. Duarte Abecassis, quando afirma que dois portos bastam no Algarve — um a sotavento e outro a barlavento — e isto porque, ainda no esclarecido dizer do competente técnico:

«...sabendo-se que a exploração de um porto marítimo é uma empresa raras vezes remuneradora, muito boa administração sendo precisa para se manter por si própria, sem deixar de desempenhar cabalmente a função económica a que se destina, de promover o desenvolvimento local e os das regiões servidas, compreendendo-se a conveniência que há em realizar a concentração, assegurando a cada porto o máximo possível de tráfego. **A pulverização dos portos comerciais, além de representar a impossibilidade financeira de os ter bem equipados e com os seus acessos sempre desobstruídos, resultará, pois, também, pela divisão do tráfego, em dificuldades grandes de vida para as administrações destes portos.**»

Contrariando, porém, este sensato e honesto critério (o de ter o Algarve dois bons portos e o de se fazer a concentração da mercadoria, com vantagens para todas as actividades: industriais, maríti-

mas e portuárias), surgiu há anos, inesperadamente, a ideia de se abrir uma nova barra Faro-Olhão, com vista à criação de um porto artificial. Toda a doutrina do ilustre técnico foi posta de remissa e não se reparou que ele, baseado em estudos próprios e de ilustres hidrógrafos, como foi Baldaque e Silva, advertia:

«Estas condições tão desfavoráveis das barras de Faro levam à conclusão de que só à custa de grandes sacrifícios será possível manter aberto um canal nesta situação, sacrifícios que devem ser tanto maiores quanto maior for a profundidade que se pretenda estabelecer.»

E para reforçar o seu autorizado parecer, acrescentava o competente técnico:

«As obras de protecção ou jéteas a fazer (em Faro-Olhão) para serem eficazes deveriam ser elevadas a profundidades consideráveis e sempre maiores do que as que se pretendessem obter no canal. Elas teriam assim um considerável desenvolvimento e ficariam, por outro lado, colocadas na mais desfavorável exposição da costa do Algarve, o que demandaria grandes exigências de robustez, com o correspondente elevado custo.»

Todos sabem que a costa algarvia, constituída por aluviões sempre em movimento, não oferece condições para nela se estabelecerem portos artificiais. Basta consultar as cartas da costa, para se verificar que sempre reinou nela a maior anarquia telúrica: barras que se fecham, barras que se abrem, bancos de areia que desaparecem, bancos de areia que surgem; enfim, uma perfeita anarquia contra a qual a mão poderosa do homem nada pode fazer. E que assim é, prova-o a circunstância dos aluviões estarem a formar cabeça em frente da negrada barra Faro-Olhão, inutilizando todo o esforço dispendido para a sua abertura e tornando precária a segurança de vidas e haveres. E não virá longe o tempo em que o arquipélago, que é a ria Faro-Olhão, conte mais uma ilha, precisamente em frente da barra, pois são para ali carregados e depositam-se detritos que, por certo, hão-de dar origem ao fenómeno que provocou o aparecimento da ponta de areia designada por cabo de Santa Maria.

Uma única medida julgamos deva ser adoptada — a que preconizou, com tanta autoridade e saber, o sr. eng. Duarte Abecassis, no seu estudo sobre os portos do Algarve. O Governo — e em especial o sr. Ministro das Obras Públicas — tem que ser perfeitamente esclarecido pelos técnicos responsáveis, pois não nos parece razoável para defesa de interesses — cá aparecem as barcas velhas! — que não interessam nada à economia do Algarve nem da Nação, obrigando certamente as companhias de navegação a evitar esta costa ou a elevar o preço dos fretes, o que agravará as condições da economia do Algarve, que para receber ou expedir as suas mercadorias tem em casa o único porto que dispõe de condições para bem servir a província, sem sugar o Tesouro Público — Vila Real de Santo António.

J. B.

UMA TRADIÇÃO QUE SE CUMPRE Norton de Matos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sar, em que o pensamento e a acção dos portugueses deverão estar totalmente absorvidos na tarefa de completar a estrutura do Estado e na empresa de desenvolver o trabalho e explorar ao máximo as riquezas naturais dos territórios. Não consentiremos que nocivos movimentos extremistas venham lançar a confusão entre os que precisam de tranquilidade para trabalhar.

As instituições que nos regem mostraram, em mais de um quarto

pequeno senão: os outros que percam tempo com essas ninharias...

Ora, para os que tão pobremmente pensam e procedem, é que a voz de Corina Freire vem trautear um trecho da sua canção sentimental:

*Aquela moça que mora em frente
É uma moça indiferente...
Não sei que mistério tem:
Ninguém olha para ela
Nem ela para ninguém!...*

Pobre cidade de Portimão! O nosso simbolismo artístico apenas te confere o verso que a cantora Corina Freire modulava na sua garganta de cordas de violino:

*Aquela moça que mora em frente
[te...]*

Maroos Algarve

de século de existência, que satisfazem às necessidades da Nação e, assim, todos os actos que possam lançar qualquer dúvida de propósitos da sua alteração devem considerar-se contrários ao interesse da grei.

Já por várias vezes tenho afirmado que nos foi apontada «a estrada larga e bem direita por onde havemos de caminhar»; por ela seguiremos, sem nos desviarmos pelos atalhos perigosos que por vezes surgem a um e outro lado do nosso rumo, que é seguro.»

O Chefe do Estado fez ainda uma resenha dos factos mais importantes para o País, que exornaram o ano findo, e concluiu com os votos seguintes a sua mensagem de Ano Novo:

«Temos fé e aguardamos com esperança que Deus proteja os portugueses, que em tantas partes do Mundo trabalham, enaltecendo-O e servindo-O, e que bem merecem, pelas suas virtudes e obras, viver tranquilos e felizes.»

É esta, em síntese, a realidade que se contém nas palavras sinceras do sr. Presidente da República Portuguesa. Possa o ano que agora começa não nos trazer maiores preocupações que o ano que findou, e já assim nos daremos por felizes, no horizonte mundialmente tão conturbado.

A. Boaventura

Visado pela Comissão de Censura

TEMAS OPORTUNOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das a um conhecimento empírico da psicologia humana, são de molde a causar no paciente um efeito de ascendência sugestiva. Com perguntas arditas, vão sacando elementos para as respostas, sem que o cliente se aperceba, visto que normalmente já está embasado por qualquer informação inesperada, subrepticamente transmitida pela ajudante ou deduzida no momento. Escusado é dizer que o «adivinho» é quem menos acredita nos métodos da astrologia ou da quiromancia, pelo que tem sempre o cuidado de empregar uma fraseologia vaga e sibilina, como em Delfos, e adaptar as suas previsões à personalidade aparente do interlocutor, sabendo, pela experiência, que um facto em que acerte deslumbra o consulente, a ponto de anular o efeito de várias predições errôneas.

Mas, às vezes, mesmo assim, o diabo tece-as, e então resulta fiasco certo, como já tem sucedido. De experiência própria, quando pusemos à prova alguns insignes cultores deste masdéisimo de pacotilha, podíamos contar alguns episódios de sabor anedótico, em que o estenderete foi rotundo. Aqui no Algarve, sabemos de um supervidente de grande nomeada, que tinha a casa sempre cheia de «gente bem», até que um incidente, imprevisível pelos astros, o fez levantar ferro e zarpar para outras águas mais benignas e menos precavidas.

Foi o caso que uma moçoila campesina, ansiosa de conhecer o que os fados lhe reservavam na vida, enfileirou na chusma dos consulentes do tal Nostradamus de via reduzida. O místico vidente, notando-lhe o aspecto apenas núbil e a simpleza aparente, julgou-a um caso fácil em que os 20 escudos da consulta seriam ganhos sem esforço. Feitas as perguntas do costume, para chave do horóscopo sintético a formular, assestou a lupa sobre a mão esquerda e foi-lhe dizendo o que tinha observado: — Teria três namorados, mas só casaria aos 24 anos. Dois anos depois, teria um filho, e mais outro, a seguir. Total: 2 filhos. Os pais opor-se-iam ao casório, mas tudo se arrumaria e seria feliz; faria a infalível viagem da praxe, teria a consabida herança do estilo, etc. e tal, tudo descrito com minúcia e precisão de datas. Ia decorrendo, em pandas velas, esta enfiada de predições, quando a cachopa, quase a explodir, o interrompe, em alta grita:

— Não vale a pena dizer mais. Olhe, eu sou enfeitada e casei aos 16 anos. Agora, tenho 22, ainda que os não pareça; já tenho 4 filhos e o meu homem deixou-me por outra. Como vê, sr. «doutor» não me disse nem uma coisa certa, e por isso vejo que é um intrujão. Não lhe pago nem um centavo! — O escândalo que se seguiu teve o condão de afastar o falaz arúspice de mais uma vinha vindimada.

Referido o caricato episódio antecedente, convenhamos em que este representa, no entanto, um mero aspecto — o somenos — da questão crucial, que não se resume em averiguarmos se o praticante é mais ou menos perspicaz e versado nas andanças dos signos, conjunções e oposições planetárias, ou nas sublimes transcendências lineares da quiromancia. O caso torna-se mais sério, sob o prisma académico, quando nos surgem outros iniciados, de maior sapiência e categoria, forçando por que se reconheçam foros de ciência a tais práticas, fundamentalmente anticientíficas, caracterizadas por interesseiras e, portanto, imorais, com resultados nefastos para a higiene educativa das populações. Quanto à exploração dos incautos, é um simples caso de polícia, a qual parece preocupar-se unicamente com os bruxos das mezinhas e as benzeduras de comadres.

Pessoa nossa amiga, aliás indivíduo de certa ilustração e diplomado, mas sofrendo a influência da forte propaganda dos vendedores de maravilhosos, e abalado no seu ceticismo pelas anunciadas proezas dionisíacas dum portentoso mago extra-lucido, pediu-nos opinião acerca das faculdades supra-normais que alguns videntes dizem possuir, bem como resposta à questão de revestir ou não carácter científico o estudo e a

vezes se deixou envolver, da perenidade dos factores permanentes e eternos, que fizeram a grandeza e justificaram a continuidade da Pátria, constitui, na hora do seu passamento, o melhor título de reconhecimento que os portugueses podem invocar para lembrar o homem que a morte abateu agora.»

prática da quiromancia e da astrologia.

Trata-se de dois problemas distintos e que, por isso, devem ser tratados em separado. Deixando para um subseqüente artigo o encargo de responder à primeira pergunta, do âmbito da metapsicologia, limitar-nos-emos, por agora, a encarar em breves traços o caso de aquelas duas artes de adivinhos pretendem reivindicar a designação de ciências.

É sabido que uma ciência, como ramo organizado do saber humano, material de especulação criadora, pressupõe a existência dum conjunto de conhecimentos certos, sistemáticos, verificáveis e com objecto definido, que se baseiam em leis gerais rigorosas e permanentes, induzidas do estudo dos fenómenos mensuráveis. Estes serão tanto mais científicos quanto forem redutíveis às matemáticas. Assim, quando a astrologia, já desde os Caldeus, se preocupava com a observação dos corpos celestes, era uma protociência; era-o, igualmente, quando aspirava a descobrir influências de ordem fisiopatológica dos meteoros nos seres animados. Destes conhecimentos, secularmente compendiados, lucrava a humanidade com o nascimento das Ciências Astronómicas, Física matemática, Mecânica celeste, Meteorologia, etc., metodizadas e impulsionadas pelos génios de Galileu, Copérnico, Newton, Tycho-Brahé, Kepler, Einstein, etc. Contudo, a sua missão geratriz de verdadeiras ciências terminou aí, porque a preocupação dos seus cultivadores em atribuírem aos astros uma intervenção directa nos caracteres e nos actos da vida humana, em projecção ao futuro, por se haver nascido sob a hipotética influência dum determinado signo do Zodíaco, não apresenta base teórica aceitável e, mesmo que a tivesse, os factos em que assenta são insusceptíveis de verificação objectiva experimental; logo, incientíficos.

Os actos do homem e o seu carácter são uma resultante complexa da sua estrutura somática, factores hereditários, funcionamento endócrino, processo educativo, ambiência e, finalmente, das múltiplas interacções imprevisíveis, que lhe condicionam as reacções, — isto, quer se perfilhe um determinismo biopsíquico materialista, quer se prefira o livre-arbítrio escolástico. Como iríamos, pois, aceitar, com disposições de tomá-lo a sério, o princípio de que um dado ser, nascido, por exemplo, sob o signo da Balança e influenciado pelo planeta Venus, terá forçosamente de vir a ser uma pessoa elegante, de espírito alegre, que apanhará escarlatina aos 7 anos e hepatite aos 42; terá de ser feliz às sextas-feiras e azarento nos dias 9, 16 e 23 de cada mês, devendo usar uma esmeralda como talismã, se quiser sair ileso dum choque de aviões?!

Não gracejamos. São coisas como estas, e outras mais absurdas ainda, que se lêem nos tratados das tais «ciências» e nas divulgações dos corifeus das mesmas.

Que pode existir nisto, com nexo lógico de causa para efeito, de conteúdo racional e ao menos verificável, já que não mensurável? Caso idêntico sucede com a quiromancia, a «ciência» das famigeradas linhas da vida, do coração e da cabeça, tecida de puerilidades, tais como relacionar certos traços com o número provável de filhos, etc., etc.

Mistificação e delírio no campo da magia pura? Talvez. Mas chamar-lhe ciência é que significa um verdadeiro ultraje às conquistas da inteligência humana.

F. Moraes Rodrigues

Carnaval de 1955

Serpentinas, confetis, máscaras, brinquedos, surpresas, artigos próprios para bailes, e fogos de artifício, próprios para Carnaval.

Aos melhores preços. Catálogo grátis com preços especiais para revendedores.

Dirijam-se ao armazém especializado nestes artigos, de António Torrão — Covilhã — Telefone 304.

“ECOS DE BELÉM”

ESTE nosso prezado camarada acaba de festejar o seu 25.º aniversário, motivo porque lhe endereçamos cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.